

**DO POSITIVISMO PODE EMERGIR UM MOVIMENTO
SOCIAL?
TENSIONANDO FRONTEIRAS CONCEITUAIS**

Ricardo Cortez Lopes*

O estudo de movimentos sociais e de ações coletivas é um assunto muito importante dentro da Sociologia. O Positivismo, da mesma maneira, também é recorrente, mas muito mais na dimensão epistemológica – em especial na sua crítica, como fez Gaston Bachelard, por exemplo. Nesse sentido, seria possível misturar ciência e política, algo que Max Weber já se perguntava no século XIX? Seria possível um movimento social positivista?

Intentamos responder a essa pergunta através de um estudo de caso. O positivismo gerou, como veremos mais adiante, uma série de Igrejas Positivistas em alguns países, uma delas na cidade brasileira de Porto Alegre. Nosso estudo empírico recairá sobre esse local, mais especificamente na propaganda por ele vinculada – acessível a partir de um arquivo externo, localizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o Núcleo de Pesquisa Histórica.

* Licenciado em Ciências Sociais, Mestre e Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A aproximação teórico-metodológica de nosso objeto foi realizada a partir da Teoria das Representações Sociais, e o recorte foram aquelas de natureza religiosa, dado o próprio vocabulário do grupo, que apresenta essa gramática mais “cristã” e que se projeta para a esfera pública partindo dela. Assim, em um primeiro momento, vamos fazer uma revisão do conceito de movimentos sociais (a partir de Honneth e Viana), seguida de uma coleta sobre o Positivismo. Após abordar a Teoria das Representações Sociais, nosso último movimento será o de observar o material de divulgação da Igreja Positivista de Porto Alegre, através das representações sobre Religião, Deus e Humanidade.

Movimentos sociais

Basicamente, vamos nos focar no conceito de movimento social nos indicadores da impessoalidade e na questão dos objetivos. Isto porque o positivismo, se ensaja um movimento social, possui algumas características bem específicas, como a da catalisação, o que contraria um pouco a bibliografia sobre o tema. Esses pontos de dissonância e tensões vão ser apresentadas durante a argumentação.

Iniciaremos pela definição de Axel Honneth, pois buscamos, nesse primeiro momento, realizar uma definição mais abstrata do que a do autor posterior:

Por isso, os sujeitos, em especial ali onde o status de sujeito de direito lhes é negado na consciência pública, frequentemente dependem da participação em grupos sociais os quais lhes asseguram uma espécie de respeito compensatório [...]

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 03, jul./dez. 2017.
[95]

Mas lá onde está abrangência do pequeno grupo for ultrapassada e, conseqüentemente, as interações face a face não forem mais possíveis, estaremos na presença de movimentos sociais [grifos nossos], nos quais as normas alternativas de respeito se tornaram um meio generalizado. No lugar dos gestos concretos de reconhecimento, nesses grandes grupos anônimos, estabeleceram-se símbolos e rituais coletivamente compartilhados que, no entanto, têm força simbiótica suficiente para prover aos seus membros, mesmo à distância, o respeito compensatório (HONNETH, 2013, p. 66).

O movimento social nasce, então, dessa negação de sujeito de direito pela sociedade; Honneth afirma que a compensação acontece em grupos sociais, que funcionam por uma lógica mais pessoalizada. Quando um grupo quer expandir essa compensação para uma dimensão além dele próprio, surge um movimento social, no qual há outras relações estabelecidas, além das de **caráter formal**, como veremos a partir de Viana.

Isto porque um movimento social possui, sempre, **objetivos**:

A literatura sobre movimentos sociais aponta para várias questões e pouco se discute uma das mais importantes, que é a questão dos seus objetivos. Um movimento social existe para atingir um objetivo. Sem objetivo, não há movimento [...] É comum diversos autores colocar que o objetivo dos movimentos sociais é a “mudança social”. Esse é um caso quase

generalizado e perceptível já na definição dos movimentos sociais. Curiosamente, esse elemento que define os movimentos sociais não é alvo de reflexões e análises, é preconcebido sob forma metafísica pelos autores (VIANA, 2016, p. 43).

Ou seja: estabelecer que o objetivo é a mudança social é uma afirmação por demais abstrata, o que exige, segundo o autor, que façamos uma reflexão que não é costuma na área de pesquisa de movimentos sociais. Levando isso em conta, o próprio conceito de movimentos sociais muda de caráter:

O conceito de movimentos sociais que adotamos explicita o vínculo necessário entre eles e o objetivo: “os movimentos sociais são mobilizações (ações coletivas ou compartilhadas) de determinados grupos sociais derivadas de certas situações sociais que geram insatisfação social, senso de pertencimento e determinados objetivos” (VIANA, 2016, p. 44).

Assim sendo, será que o compartilhamento do positivismo, por parte de um grupo, consegue desembocar em uma **mobilização** por conta de **insatisfação** que gerou um **senso de pertencimento**? A busca por esses elementos em negrito vai nos levar a concluir – ao menos nesta formulação – se o positivismo pode desembocar em um movimento social: caráter formal, objetivos, mobilização, insatisfação e senso de pertencimento. Intermediamos essa

busca através da Teoria das Representações Sociais, buscando três representações religiosas.

Algumas características do Positivismo

O estudo de caso foi realizado com o positivismo gaúcho, concebido e divulgado através do Templo Positivista de Porto Alegre. O veículo utilizado para se chegar às ideias desse grupo foi através do seu material de divulgação, que, ao nosso entender, por se tratar de ideias resultantes da “evolução da humanidade”, guardavam o mesmo conteúdo para o público leigo das obras voltadas para o público especializado. O próprio nome da instituição e todo o vocabulário do material nos levaram a problematizar a religiosidade desse movimento, algo possibilitado pelo estudo de suas Representações Sociais.

Argumentamos que a Religião da Humanidade seria, em si, um ateísmo. O pensamento positivo é anterior e posterior ao positivismo (KOLAKOWSKI, 1988, p. 64), e descreve como a única via de construção de conhecimento a lógica da evidência científica - ideia que precisou do Renascimento para se secularizar e se espalhar para outros campos, como o político (AUERBACH, 1972, p. 151). Mas o positivismo construiu em volta dessa premissa inicial todo um sistema epistemológico que colocou a ciência como o ponto máximo da evolução humana (PETIT, 2007, p. 14). Não nos interessa todo o sistema positivista, mas um dos pontos mais importantes é o da teoria dos três estados, o teológico, o metafísico e o positivo.

No primeiro a explicação dos fenômenos ocorre pela ação direta e contínua de agentes sobrenaturais numerosos; o segundo substitui esses agentes por forças abstratas personificadas; no terceiro, para-se de buscar

noções absolutas de se buscar a origem do universo e a causalidade íntima dos fenômenos, avançando-se sobre as suas leis (SOARES, 1998, p. 45).

É importante ressaltar que essa lógica da evidência casada com a supremacia renascentista da ciência ajudou a “concretizar” (no sentido de imanente) a epistemologia positivista de tal modo que o princípio de causalidade da realidade mostrou-se ateu: a natureza seria um ente não causado e que seguiria suas próprias leis imutáveis e eternas, sem espaço para uma volitividade divina no decorrer de seu devir (KOLAKOWSKI, 1988, p. 16). Não há uma intencionalidade no vir-a-ser do universo, de modo que o princípio das coisas (a metafísica) não é de interesse do positivismo (KOLAKOWSKI, 1988, p. 16). Por esta via, acreditamos que o positivismo possa ser considerado como um pensamento legitimamente ateu, mesmo que se utilize de uma série de vocábulos religiosos para seus fins – afinal, a religião da humanidade deve imitar exatamente o sistema da Igreja para manter sua tendência unificadora (KOLAKOWSKI, 1988, p. 85). A utilização deste vocábulo deve ser levada em conta dentro do sentido que o grupo dá a esses vocábulos, em um contexto hermenêutico próprio - segundo suas categorias nativas, que não são as mesmas nossas, mesmo que haja entre nós e os positivistas uma proximidade cronológica, cultural e geográfica (LOPES, 2013, p. 23) - para que depois possa ser realizada a análise. No Brasil, o positivismo ingressou pelo Rio de Janeiro, irradiando-se para outras regiões do país. No Rio Grande do Sul, a adesão ao positivismo, em um primeiro momento não foi efervescente, mas em um segundo momento mais significativa (TAMBARA, 1998, p. 171), resultou na

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 03, jul./dez. 2017.
[99]

fundação da Igreja Positivista de Porto Alegre, no estado onde o positivismo atingiu o seu maior desenvolvimento (TRINDADE, 2007, p. 137). Esse templo, fundado em 1912, foi o responsável pela elaboração de material de divulgação (SOARES, 1998, p. 178).

Representações sociais e a sua coleta

A teoria de representações sociais visa analisar, a partir de uma perspectiva da psicologia social, modalidades de conhecimento prático dirigidas para a comunicação e para a compreensão do contexto social (JODELET, 1985, p. 31). São formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos tais como imagens, conceitos, categorias, teorias - mas que não se reduzem aos seus componentes cognitivos. Segundo Moscovici (1981, p. 181), seriam as Representações Sociais “[...]um conjunto de conceitos, proposições e explicações criados na vida quotidiana no decurso da comunicação interindividual”. (MOSCOVICI, 1981, p. 181). Ou seja, são maneiras representacionais socialmente compartilhadas estruturantes e estruturadas (SPINK, 1993, p. 303) de se explicar o mundo revestidas da dinâmica própria que envolve os mecanismos do meio social, criando, assim, uma realidade comum (BAPTISTA, 1996, p. 2).

Vamos chegar à essas representações sociais através da técnica de análise de conteúdo, um conjunto de instrumentos metodológicos para a análise de uma série de manifestações diversificadas de algum enunciado (BARDIN, 1977, p. 9). A análise de conteúdo busca o que está latente ou escondido da mera percepção cognitiva (BARDIN, 1977, p. 9). Definida a técnica de abordagem, inicia-se o método propriamente dito. Bardin afirma que há

3 fases deste método: (a) a pré-análise (leitura flutuante), (b) a exploração do material e (c) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (BARDIN, 1977, p. 95).

A técnica que se constituiu em nossa estratégia analítica foi a da categorização, que é um processo sobre os dados brutos que funciona, em um primeiro momento, por classificação (em conjuntos), e em um segundo momento, por reagrupamento (por gêneros) (BARDIN, 1977, p. 145). Fizemos, em um primeiro momento, a separação das temáticas dentro do material. Realizamos a classificação, e, dentro deste conjunto, reconstruímos condensadamente os dados em categorias (usando o critério semântico), buscando a realidade subjacente a que elas fazem referência (BARDIN, 1977, p. 146). A lista completa de documentos colhidos no arquivo foi essa:

-
- /A/ "Manifestos Humanistas I e II" (Caixa 1, Envelope 2)**
 - /B/ "Marcha do ateísmo" (Caixa 1, Envelope 2)**
 - /C/ "Humanidade: a deusa do futuro" (Caixa 1, Envelope 3)**
 - /D/ "A ciência e a tecnologia: Desumanização ou redenção do homem?" (Caixa 1, Envelope 3)**
 - /E/ "O milagre e a conciliação (?) entre a ciência e a religião" (Caixa 1, Envelope 3)**
 - /F/ "Positivismo ou Religião da Humanidade" (Caixa 1, Envelope 3)**
 - /G/ Encarte 7/1926 (Caixa 4, envelope 1)**
 - /H/ "A aliança religiosa e a regeneração humana" (Caixa 4, envelope 1)**
 - /I/ "A harmonia mental" (Caixa 4, envelope 1)**
 - /J/ "Ensino do Catecismo Positivista" (Caixa 4, envelope 1)**
 - /K/ "S. Francisco de Assis" (Caixa 4, envelope 1)**
 - /L/ "A liberdade espiritual e o ensino religioso nos estabelecimentos públicos de educação" (Caixa 4, envelope 2)**
 - /M/ "A propósito da questão do Cristo no Juri" (Caixa 5, envelope 1)**
-

/N/ “Representação à liberdade de associação religiosa” (Caixa 5, envelope 1)

/O/ “Artigos episódicos de 1891” (Caixa 5, envelope 2)

/P/ “A secularização dos cemitérios” (Caixa 5, envelope 2)

/Q/ “Imposto predial e o templo” (Pasta 5, envelope 1)

/R/ “O espiritismo e o Código Penal; a feitiçaria e o código penal; férias forenses” (caixa 1, envelope 1)

/S/ Mais uma vez a verdade histórica sobre (Caixa 4, envelope 1)

Esses documentos foram todos submetidos à análise documental, e, como forma de respeitar o acento universalista da mensagem positivista, não levamos em consideração a data das publicações no momento da análise dos dados. No entanto, neste artigo, não serão todos os documentos que irão ser citados, mas mantivemos os códigos originais da pesquisa completa.

Religião

Para os positivistas, a religião é um termo muito ambíguo. Pois, para estes teóricos, a religião deve ao mesmo tempo ser algo a ser superado (no tocante às religiões “antigas”, que são metafísicas ou teológicas) e algo a ser redirecionado (para resolver problemas dos tempos modernos) rumo a um humanismo-religioso, que excluiria a religião como sempre fora (teológica e metafísica) em prol de um modelo secularizado, que integraria à humanidade da maneira “correta” e de um jeito total. Nos escritos analisados, emergiram duas categorias de religião: a teológica e a positiva, ambas com suas descrições próprias, que buscaremos identificar neste trabalho. Em /A/:

Mudanças científicas e econômicas
estrapçalham as velhas crenças [...] vasto

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 03, jul./dez. 2017.
[102]

aumento de conhecimentos e experiências [nos dias atuais causaram essa desatualização]. Há grande perigo em final e (cremos) fatal identificação da palavra religião com doutrinas e métodos que perderam seu significado e que estão sem meios para resolverem o problema da vida humana no 20º século. Religiões sempre foram meios para realizar os mais altos valores da vida. Seus fins foram atingidos através da interpretação da total situação circunstante (teologia ou visão de mundo), o sentido dos valores resultantes daí (objetivos e ideais) e a técnica (culto) estabelecida para a satisfatória compreensão da vida (/A/: 1)¹

É a teoria dos três estados em prática. Neste trecho é perceptível que a religião estava a acompanhar as características do estado teológico de evolução. Ou seja, a religião é uma das evidências da teoria dos três estados, ideia que se reforça em outros escritos.

O positivismo [ao ser dada a sua definição por parte do autor do texto], denominação usual da religião da humanidade, foi o desfecho fatal da longa e difícil evolução de nossa espécie no sentido do estabelecimento da verdade universal. [...]. Esta fraternidade foi sempre o objetivo de qualquer religião, pois para o positivismo – religião consiste num sistema capaz de regular cada natureza individual e em

¹ A grafia dos trechos é a original, encontrada nos documentos, e possui erros se comparados com as normas atuais da língua portuguesa.

congregar todas as individualidades (/F/
1)

A religião em si gera fraternidade, e é isso que todas as religiões buscaram ao longo do tempo. Mas a fraternidade não é possível a partir dos princípios dessas outras religiões, a não ser a Religião da Humanidade, que é ateia.

O ateísmo é, portanto, coisa velha na história da evolução do homem. É preciso convir porém, em que nunca teria sido possível o ateísmo tomar a força que tomou agora e inspirar aos espíritos teológicos, o temor que está inspirando, si a evolução humana não tivesse atingido ao degrau que atingiu, si não tivesse passado pelo monoteísmo, pela metafísica, e si não se encontrasse às portas do último degrau de evolução ao qual fatalmente tem de preceder esse estado negativo, de ateísmo [para depois iniciar a religião humanista] (/B/: 2)

Não há, portanto, possibilidade de se cumprir a função essencial da religião – a fraternidade universal - a partir da religião teológica e metafísica, de modo que elas conduzem à negação daquilo que negam. Será essa religião positiva que poderá levar a cabo o conceito de religião no sentido integral:

A fim de se obter essa harmonia completa [proposta em outro parágrafo como o objetivo da religião] é preciso ligar o

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 03, jul./dez. 2017.
[104]

interior pelo amor e o religar ao exterior pela fé. [...]. Daí a perfeita compreensão da palavra religião, que vem do latim – religare [sic]¹⁹ isto é, fazer essas duas ligações. (/F/: 1)

A religião seria a única instância capaz de ligar o homem duplamente com seu interior e com o seu exterior. Ou seja, uma maneira de ligar a dimensão psicológica à dimensão sociológica, criando-se, assim, o laço de solidariedade, por via da identificação, gerando-se, assim, o altruísmo.

Em outro trecho:

A sociedade moderna separa-se hoje em dois campos opostos. De um lado, estão aqueles que lealmente acreditam que não pode haver sociedade e, por conseguinte, moralidade, sem uma religião qualquer. De outro lado acham-se aqueles em numero infinitamente menor, que consideram a religião como inutil, e mesmo prejudicial. Além disso, até Augusto Comte, pensou-se que religião era synonymo de theologismo. De sorte que, para apreciar convenientemente a situação actual dos espiritos urge desvanecer tal confusão. Porque a religião é o systema que assegura a unidade pessoal e social. Ao passo que o theologismo caracteriza o estado mental em que se acredita na existência objectiva de seres sobrenaturaes dominando e governando tudo (/L/: 3)

É nisso que reside a superioridade da religião positiva sobre a religião teológica: a capacidade de gerar essa solidariedade a partir da identificação do sujeito com o coletivo e consigo a partir de sua religião, pois o fator de coerção na religião teológica não se realiza a partir desse coletivo, mas sim a ligação direta e unidirecional entre o sujeito e o fetiche, deuses ou deus, não ligando esse indivíduo nem a si mesmo nem a outrem. E é nesse nicho que a religião positiva consegue fazer pleno ao homem no sentido de fazê-lo se sentir unificado com algo maior do que ele mesmo.

A partir da descrição dessa evolução, é possível traçar a história da religião, que é também a história da humanidade. E esta passou e está passando pela Lei dos três estágios: “Primeiro espontânea, depois inspirada e em seguida revelada, a religião tornou-se, enfim, demonstrada, atingindo seu estado positivo.” (F/: 2).

A religião da humanidade vai livrar o homem destas amarras que lhe impediam o progresso, pois essa religião:

De acordo com a natureza humana que é composta de sentimentos, inteligência e caráter, a plenitude religiosa vai se caracterizar pela – subordinação do progresso à ordem, da análise à síntese, do egoísmo ao altruísmo. Tais são os três enunciados: prático, teórico e moral, do problema humano, cuja solução deve consistir uma unidade completa. (F/: 2)

Portanto, o progresso está na superação da atomização, da percepção da humanidade, da amplidão do

pensamento (daí a síntese ao invés da análise). E essa dimensão só é contemplada pela Religião da Humanidade, daí o fato de a Religião da Humanidade não incentivar banhos de sangue:

A unidade supõe, antes de tudo, um sentimento preponderante, pois nossas ações e pensamentos são sempre dirigidos por nossos afetos. A harmonia humana decorre do provalecimento do altruísmo. [...]. Porém a condição interior não basta se a inteligência não nos fizer reconhecer, fora de nós, um ser superior ao qual estamos ligados e a quem devemos venerar. Nas outras formas religiosas, a unidade exterior tem sido obtida em torno de fetiches, deuses e deus. Não podendo semelhante harmonia Individual ou coletiva, realizar-se plenamente, numa existência tão complexa como a nossa, a religião caracteriza-se o tipo imutável para o qual tende cada vez mais o conjunto dos esforços humanos (/F/: 1)

Isso torna o positivismo relativista para com as religiões teológicas e metafísicas, mas monista com relação à superioridade da religião da humanidade por sobre as outras, pois elas não seriam capazes de gerar o laço de solidariedade para com outrem (LOPES, 2013, p. 40). Mas seriam essas religiões muito respeitáveis entre si: “Entenda-se que não censuramos [as outras religiões]. Censurar neste ponto seria desarraoar; seria esquecer a *relatividade das coisas humanas* [grifo meu]” (/R/: 17). Relatividade que se

guarda para determinados assuntos, mas que para além destes se torna dispensável.

Por fim, a proposta dos positivistas é matar a Deus e colocar em seu lugar a Deusa, que nada mais é do que a própria humanidade, para que daí surja a nova Religião, focada na Deusa. Por essa razão, o autor afirma: “E o positivismo é equidistante entre o materialismo (excesso de objetivismo) e o espiritualismo (excesso de subjetivismo)” (/D/: 20). Ela é equidistante, e isso demonstra um não-cientificismo por parte dos positivistas.

Portanto, a religião é algo relativo quando tem a ver com religiões não positivas, e é algo mais objetivo quando têm a ver com a religião positiva. A passagem de um estado ao outro não pode ser feita, no entanto, através da força física ou da força penal. Ela deve ser feita através do ateísmo, que desvia os ímpetus humanos das abstrações e a direciona a concentricidade, que é, no fim das contas, a Humanidade. Por essa razão, é interessante estudarmos como os positivistas concebiam a figura de Deus.

Deus/deusa

Deus é representado como um conceito ultrapassado. É claramente uma ficção, que serve para ilustrar o atraso do passado. É uma entidade cuja falta de desenvolvimento mental das pessoas contribuiu para ser criada como quimera. Todavia, Ele serviria ao projeto de futuro de alguma maneira, contanto que fosse compreendido da maneira correta, para que pudesse dar lugar a uma religião destituída de crenças. Deus é concebido como um processo.

É por essa razão que David Carneiro, em /B/, transcreve o artigo de Dan W. Gilbert, “Novo Ateísmo”

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 03, jul./dez. 2017.
[108]

(/B/: 4). No artigo em questão, o autor afirma que o antigo ateísmo negava a Deus, e que esses negadores eram perseguidos pelos seus contrários por sua fácil identificação entre os crentes. De modo que eram rapidamente eliminados, mantendo-se a ordem teísta antiga como se nunca houvesse existido ateísmo naquele tempo. Argumenta Gilbert que o novo ateísmo não é radical da mesma maneira, e que busca destruir a ideia de Deus por etapas, sem a negar completamente para não despertar a ira dos contrários. Ao invés de declarar explicitamente sua condição de descrença, o novo ateu difunde ideias científicas e materialistas no senso comum (sem esclarecer-lhes a origem), de modo que os religiosos as reforçam e reproduzem em seus dizeres e crenças sem perceber que estão, em realidade, divulgando o próprio ateísmo (/B/: 5).

Nesta atividade descrita por Gilbert, trabalhar a figura de Deus é um artifício essencial. O novo ateu busca despojar Deus de seus atributos sobrenaturais através de sua “personalização”. O processo que o autor descreve é semelhante à alusão que Auerbach faz com relação à representação naturalista do divino realizado por artistas renascentistas italianos (AUERBACH, 1972, p. 151): os novos ateus, em conversas com teístas, referem-se a Ele como portador de qualidades humanas, para assim quebrar a ideia de sua “omnisciência”. Segundo o autor, essa concepção mais “físicalizante” de Deus efetivamente passou ao conjunto de ideias teístas sem estes ao perceberem.

Gilbert afirma que esse procedimento específico, para além de inserir uma ideia contraditória ao corpus secularizado, possui uma consequência prática bem útil: ao

tornar Deus humano, o humano pode se tornar Deus. E, se o humano se torna Deus, pode ser cultivado da mesma maneira. E cultuar ao homem (no sentido de humanidade), e não a Deus, passa a ser algo natural, à maneira humanista. Por essa razão, “o novo ateísmo é como um cancer crescente, misterioso e perturbador” (/B/: 6). Carneiro prossegue com o seu raciocínio:

Mas digam o que disseram os espíritos teológicos quaisquer. E queiram mascarar o ateísmo com as cores negras do seu receio, os deuses não são mais necessários para que o homem se conduza bem na sociedade, e o ateísmo marcha vitoriosamente como uma necessidade de evolução, como um ponto crítico a ser atravessado pelo progresso para uma época de religião nova e definitiva, sem deuses onipotentes[...] (/B/: 6)

Tudo isso exposto, é possível viver sem deuses, o que é uma prova da evolução das mentes humanas. A onipotência poderia passar dos deuses ao ser humano.

Por fim, o autor faz uma apreciação das consequências sociais da crença neste Deus ultrapassado. Pois, para o autor, ela geraria a seguinte estratificação social:

Mas essa sociedade está dividida em cinco grupos humanos de extensões diversas assim constituídos

1º. Dos que duvidam e temem;

- 2°. Dos que duvidam, não temem, mas continuam fingindo aceitar por convivência ou hipocrisia;
- 3°. Dos que descreem;
- 4°. Dos que ainda creem;
- 5°. Dos que sabem, por conhecerem a ciência e por conhecerem a evolução, que não existe deus voluntarioso governando o universo, mas sabem ser tudo regido por leis naturais imodificáveis [exclui-se, assim, a possibilidade de milagres] (/B/: 7)

Carneiro vai descrever cada uma dessas classes, de modo a caracterizar algumas negativamente (estúpidas ou hipócritas) ou positivamente (grandes mentes). Interessamos, todavia, a descrição que realiza sobre o quinto grupo:

Emfim há o grupo dos que se preocupam profundamente com a sorte da sociedade humana, dos que raciocinaram a ciência, e procurando substituir um deus absoluto impossível por um deus relativo, real, demonstrável, simpático, fraternal, foram levados a aceitar a humanidade como Deusa, segundo a construção de Augusto Comte (/B/: 8).

Assim, se Deus é um ente vingativo, inspirador de temor e dúvida, a Deusa, em contrapartida, possuirá todas essas características em seu contrário. Essa Deusa é a Humanidade. Deusa que será temida pelas outras religiões, em especial a católica:

Em resumo, o clero católico do nosso país não vê no positivismo, nem um digno êmulo,

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 03, jul./dez. 2017.
[111]

nem uma simples corrente, como no protestantismo. Ele nos encara como um ritual usurpador, crescendo em força e influencia junto aos elementos destinados a predominar num futuro mais ou menos próximo. E em relação ao qual não nutre sinão sentimentos correspondentes de ódio e de inveja (M/ 5)

Portanto, é essa a reação que as religiões teológicas e metafísicas são capazes de ter: a da supressão, que gera o banho de sangue. O positivismo pregaria a paz em contrapartida, já que respeitaria a fraternidade acima de idolatrias.

[citando Comte] “... não anhelei de modo algum nem mesmo aprovei os abalos de 1830 e 1848 embora haja me esforçado por utilizá-los após a sua consumação; conduzindo-se assim os positivistas deverão sempre prever as tempestades, e se esforçarem primeiro por preveni-las; depois por abrandá-las, enfim por utilizá-las; porém considerando-se como livremente associados aos governos ocidentais sem jamais secundarem oposição alguma, cujo respeito involuntário obterão, além do que partido algum os julgará seus concorrentes ao poder. (J/ XVI)

Deus é literalmente uma ideia ficcional cujo intuito é assustar e desviar os indivíduos de seu verdadeiro propósito: o viver para outrem. Mas – em especial o Deus católico - pode ser aproveitado em seu potencial didático para basear a Religião da Humanidade: pois seu culto

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 03, jul./dez. 2017.
[112]

universalista (/S/: 6) pode ser substituído pelo da Deusa, a Humanidade, que, ao ser cultuada, resulta em uma dedicação a outrem. É exatamente esta deusa que vamos abordar em seguida.

Humanidade

A Deusa Humanidade é representada de uma maneira bastante peculiar. Ela é, ao mesmo tempo, devedora às leis da natureza, e ao mesmo tempo é o conjunto de indivíduos, que já foram vivos, estão vivos e estão para o ser.

O deus absoluto como dogma fundamental, é substituído pelo conjunto de leis naturais conhecidas constituindo o destino, e das leis naturais desconhecidas constituindo o Acaso. [...] [e segue] O deus absoluto como elemento de temor, é substituído pelo conjunto de antepassados humanos que admiramos, dos mortos que trabalharam pelos vivos, dos vivos que vivem com preocupações altruístas, isto é, sociais, e ds que hão de viver pelos quais nos esforçamos e agimos, em todos os instantes da nossa vida objetiva (/B/: 8)

Essa definição mais insipiente (pois ele só afirma que a humanidade é uma entidade que se estende pelo tempo) é compensada em outro documento: “[...]. Este ser supremo, no positivismo é a humanidade, definida como o conjunto contínuo dos seres convergentes, passados, futuros e presentes. Não deve ser confundida com a espécie humana.” (/F/: 1).

Comte acreditava que o homem só se realizava plenamente enquanto ser no momento em que entrava em comunhão com a natureza, o que só ocorreria quando se passava pelos três estados. Por isso a Humanidade, para ele, seria uma das leis naturais. Por conta disso, a Humanidade responderia a essa lei natural e, sem essa submissão, a Humanidade não corresponderia ao critério de positividade² (KOLAKOWSKI, 1988: p. 85, LOPES, 2013: p. 45), resultando de sua invalidação como instância digna de culto por parte dos indivíduos.

Trata-se de estabelecer uma base sólida para a crença religiosa, o que o autor propõe em seguida:

Não se falando aqui na sua acepção do mero maravilhoso, o milagre, no conceito bíblico era a realização de um acontecimento ou de um fenômeno com a suspensão excepcional da (s) leis (s) que o (s) rege (m). O que se realizaria mediante a intervenção divina, sobrenatural. O que é uma das tolices da credence. Hoje a realidade é outra: descobrir e estudar as leis que regem os fenômenos naturais (cosmológicos e humanos) e, conhecendo-se as leis, ou verificados seus efeitos, tirar conclusões, prever os acontecimentos e prover-se dos resultados é o objetivo fundamental e permanente da ciência (/E/: 117)

² O critério de positividade seria o fato de o conhecimento precisar de uma comprovação externa a ele para poder ser considerado como conhecimento positivo e, por extensão, válido.

A partir do momento em que se abole a possibilidade de existir milagres, estabelece-se as condições necessárias para que se execute a tarefa científica, que é estudar as leis – imutáveis pelos milagres – e prever os acontecimentos através da indução. Este critério é aplicado integralmente para a concepção da humanidade, que, por isso, não é um ente metafísico, mas sim um ente que remete à própria solidariedade humana.

As leis políticas, as leis que os homens fazem, não são tal immoveis: ao contrario, participam da mobilidade das opiniões de que resultam. Immutaveis são unicamente as leis naturais. Só estas estão superiores a toda vontade humana no que tem de essencial. Esta distinção entre a diferente natureza das leis exprimiu- a Montesquieu sem phrases, com admirável simplicidade: “os seres particulares inteligentes podem ter leis que hajam feito, mas tem também as que não fizeram”. (R/: 5)

A humanidade, tão variável em suas crenças e costumes, só pode ser unida a partir daquilo que é comum a todos, que é justamente esse fato que é de pertencer a Humanidade (C/: 7), e não a uma ou outra religião. Dessa maneira:

As relações fraternas, circunscritas inicialmente ao lar e à cidade, estendem-se ao planeta inteiro: abrangem o passado, o futuro e o presente; congregam todos os seres, tudo que concorreu, concorre e há de

concorrer para aperfeiçoar a ordem universal (/C/: 9)

Ideia que é recorrente em outro trecho de outro documento: “A existência social não é o resultado de convenções; é a consequência fatal da nossa organização cerebral e do meio cósmico em que vivemos” (/N/: 4). São essas relações fraternas, as que evidentemente devem existir por conta de obviamente sermos todos homens, estendem-se para além do espaço reduzido das pequenas comunidades produzidas pelas religiões metafísicas e teológicas, estas que direcionaram os laços afetivos para as divindades e os fetiches em si, e não para os homens. Assim se constituiria a deusa Humanidade. Kolakowski descreve um movimento semelhante:

La humanidad es un ser trascendente por relación a los individuos, compuesto de todos los individuos vivos, muertos y por venir; los individuos se renuevan en este ser como las células en un organismo, sin dañar por eso su vida autónoma. Los individuos son un producto de la humanidad: sus pensamientos, sus gustos y sentimientos, sus creencias, capacidades y facultades – todo eso es función del único y mismo organismo. (KOLAKOWSKI, 1988: 84)

Esta ideia descrita encontra correspondência no trecho:

Eis, em poucas palavras, a concepção sintética do nosso organismo, tal qual

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 03, jul./dez. 2017.
[116]

rezulta da elaboração científica. A complexidade e as relações recíprocas de seus elementos conduzirão à velha fórmula *consensus – tudo é solidário, tudo concorre, tudo conspira, - e mostrarão a dificuldade do problema humano*. Assim, esse exame basta para evidenciar a irracionalidade de se procurar a saúde do corpo abstraindo da saúde da alma, isto é, o absurdo de separar-se a medicina da moral; e põe a nu, de um modo irrefutável, a inqualificável monstruosidade que constitui o especialismo médico, cuja pretensão é conhecer e tratar como isolados fenômenos que, por sua natureza, repugnam a qualquer fracionamento. (I/21)

A humanidade então é mais do que a mera soma dos indivíduos (pois é um fato moral), e é verificável e mensurável. Não há, portanto, um cientificismo: a ciência não pode se bastar por si mesma para definir o que é Humanidade, pois ela também está integrada à esfera da moralidade, que não é composta de átomos.

Conclusões

Neste artigo, pretendíamos fazer uma reflexão: seria o positivismo passível de ser considerado como um movimento social? Buscamos responder essa questão a partir de um levantamento de representações sociais de um grupo que se advoga positivista, os membros da Igreja Positiva de Porto Alegre, na virada do século XIX para o século XX. Por conta do caráter religioso no material de divulgação apresentado na esfera pública, estudamos as representações de religião, de deus e de humanidade, por

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 03, jul./dez. 2017.
[117]

nos parecerem apresentar uma série de concepções vitais. A religião é um conceito ambíguo que ilustra o atraso (quando teológica e metafísica, que estimulam o egoísmo) e aponta para o futuro (com a religião da humanidade, que incentiva ao altruísmo). Deus é uma ficção que serve como demonstração do atraso provido pelos dois estágios anteriores ao positivo. A representação de humanidade é a de um ente verificável e mensurável que absorve todo o tempo do indivíduo humano, fornecendo-lhe parâmetro moral fixo. Por fim, as representações foram levantadas para pensar os parâmetros eleitos para se definir um movimento social: caráter formal, objetivos, mobilização, insatisfação e senso de pertencimento.

Após cotejar os dados, qual seria a resposta ao problema dessa pesquisa? Trata-se o positivismo de um movimento social ou seria apenas uma associação privada? Acreditamos que, partindo dos critérios de Viana e Honneth, possamos responder que sim, que se trata de um movimento social, uma vez que o positivismo responde a alguns dos pressupostos colocados por essa formulação.

Com relação à **dimensão formal**, podemos observar que a própria existência do material de divulgação já aponta para uma atuação que se quer pública e aderida por mais indivíduos, para além daqueles iniciais que se encontravam nas reuniões da Igreja. Assim, podemos observar que se quer um reconhecimento maior para as ideias positivistas – paradoxalmente, para criar semelhantes e não para estabelecer diferenças.

Com relação aos **objetivos** do movimento social, podemos observar que se trata de uma catalisação do processo irreversível do avanço do positivismo. Ou seja,

trata-se de tomar uma postura ativa diante de um processo global, facilitando a sua difusão em território nacional – mesmo que, no fundo, esse esforço não seja decisivo para o resultado final. Isso acontecerá mais cedo ou mais tarde com a sucessão dos três estágios, daí os positivistas se proporem a “acelerar” esse processo com a propaganda irradiada de seu Templo. Por essa razão, creem que, mais importante do que impor o positivismo pela força estatal ou dogmática, é fornecer condições para que o positivismo convença pela lógica.

Sobre a **mobilização** para uma ação: o próprio catecismo e a linguagem religiosa reuniam indivíduos para interações, que redundaram na elaboração do material difundido para a esfera pública. Assim, há um conjunto de procedimentos e de posturas elaborados para se alcançar um objetivo específico na comunicação com outros setores sociais, o que configura uma mobilização.

A questão da **insatisfação** aparece no diagnóstico da preponderância dos estados mais primitivos do pensamento humano, que os positivistas consideram causar problemas sociais a nível global – por não respeitarem as descobertas de Auguste Comte. Assim, através da informação e do saber positivo, se pode mudar essa situação que, para os positivistas, é *preocupante e esperada* ao mesmo tempo.

Por fim, há o elemento do **senso de pertencimento**. Este senso de pertencimento, para além de ser construído na frequência ao próprio templo, também está na adesão intelectual à teleologia positivista dos três estados. Assim, há uma inserção em um grupo social de semelhantes, os positivistas, que se diferenciam de outros grupos. Mas esse grupo não se fecha em si mesmo: por mais que acreditar na

ciência seja uma das concretizações do conhecimento positivo, o seu materialismo puro não é o suficiente para se reconhecer que a Humanidade está acima de tudo. Assim, o pertencimento ao culto da humanidade não deixa espaços vazios na vida do sujeito, o integra de maneira total ao tecido da humanidade e o projeta a levar esse conhecimento para indivíduos que dele (ainda) não comungam.

Ressaltamos que a conexão afirmativa entre os positivistas e esse conceito de movimentos sociais não implica a mesma condição para outras formulações de outros autores. No entanto, admitimos que não se trata de uma conexão esperada: o positivismo é, geralmente, concebido pela academia como uma filosofia social elitista que, por essa razão, não precisaria reivindicar reconhecimento. Todavia, quando se analisa a ação desse grupo, podemos observar que há um descompasso entre o ser e o dever ser.

Essa pesquisa documental, no entanto, é uma parte de uma pesquisa que pode ser mais ampla ainda. Seria muito interessante uma pesquisa de campo com os positivistas atuais, que mantém o Templo Positivista de Porto Alegre conservado e frequentado. Se estes já se afirmaram atualmente como agnósticos ao invés de ateus, talvez indagá-los se o positivismo se trata (ou já se tratou) de um movimento social possa ter implicações interessantes e inesperadas.

Gostaríamos de encerrar o presente artigo ressaltando uma particularidade da sociologia com relação à outras áreas. Nela, é constante o exercício da colocação em dúvida de algumas conexões conceituais-fenomenológicas, as quais algumas outras áreas realizam

automaticamente. Podemos observar que muitos pesquisadores realizam, por exemplo, a conexão direta entre o conceito de movimentos sociais com a ação de seus atores, sem se perguntar se essa ligação de fato existe – apenas enquadrando o fenômeno dentro do conceito, sem promover um verdadeiro diálogo. E o que algumas disciplinas chamam de “discussões intermináveis” na sociologia podem ser, na verdade, a maior virtude da nossa episteme.

Referências

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

BAPTISTA, Maria Manuel. Estereotipia e representação social: uma abordagem psico-sociológica. In: BARKER, A. *A persistência dos estereótipos*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

HÖLLINGER, Franz. Esoterismo, ciência e política: A Nova Era entre estudantes universitários. In: SIQUEIRA, D., LIMA, R. B. *Sociologia das adesões: novas religiosidades ea busca místico-esotérica na capital do Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

HONNETH, Axel. O eu no nós: reconhecimento como força motriz de grupos. *Sociologias*, Porto Alegre, v.15, n.33, 2013.

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 03, jul./dez. 2017.
[121]

JODELET, Denise. *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

KOLAKOWSKI, Leszek. *La filosofia positivista: ciencia y filosofia*. Madrid : Catedra, 1988.

LOPES, Ricardo Cortez. *Reprodução sob condrelições controladas: o ateísmo como movimento social nas Representações Sociais dos materiais de divulgação do Templo Positivista de Porto Alegre*. Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em História defendido e aprovado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul no ano de 2013.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: Investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

PETIT, Annie. História de um sistema: o positivismo comtiano. In: TRINDADE, Hélió (org). *O positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto Comte*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, Unesco, 2007.

SOARES, Mozart Pereira. *O positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998.

TAMBARA, Elomar. Positivismo e Educação no Rio Grande do Sul. In: GRAEBIN, Cleusa Maria. *Revisitando o positivismo*. Canoas: La Salle, 1998. P. 165-182.

TRINDADE, Hélió. O jacobinismo castilista e a ditadura positivista no Rio Grande do Sul. In: TRINDADE, Hélió (org). *O positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto Comte*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, Unesco, 2007. p. 131-141.

VIANA, Nildo. Os Objetivos dos Movimentos Sociais. *Movimentos Sociais*, Goiânia, v. 1, n. 01, 2016.

RESUMO:

Neste texto vamos nos questionar se há a correspondência do positivismo (representado pela Igreja Positivista gaúcha) com um dos conceitos possíveis de movimento social (baseado em Honneth e Viana). A amostra foi analisada a partir de três representações sociais, a saber, Religião, Deus e Humanidade. Essas três representações apontaram para a aplicabilidade do conceito movimento social para o positivismo.

Palavras-Chave: Movimento social. Positivismo. Teoria das Representações Sociais.

ABSTRACT:

In this text we are going to question whether there is a correspondence between Positivism (represented by the Positivist Church of Rio Grande do Sul) and one of the possible concepts of Social Movement (based on Honneth and Viana). The sample was analyzed from three social representations, namely Religion, God and Humanity. These three representations pointed to the applicability of the concept of Social Movement for Positivism.

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 03, jul./dez. 2017.
[123]

Key-Words: Social Movement. Positivism. Social Representations. Secularization.

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 03, jul./dez. 2017.
[124]